

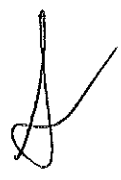
VI CONVENÇÃO NACIONAL

12, 13 e 14 de Janeiro – Viana do Castelo

MOÇÃO DE CANDIDATURA A PRESIDENTE DA DIREÇÃO NACIONAL DO CHEGA (RESUMO)

VENCER AS ELEIÇÕES, MUDAR PORTUGAL!

Candidato-me a Presidente da Direção Nacional do CHEGA porque acredito que o caminho que iniciámos em 2019 não está, ainda, concluído. Entretanto, o CHEGA alcançou já alguns dos seus objetivos anunciados, tendo sido a única força verdadeiramente disruptiva do sistema político português nos últimos anos, a única força verdadeiramente contestatária deste sistema de interesses que sequestrou a política portuguesa nas últimas décadas. Entrámos na Assembleia da República com um deputado, em 2019, atacados e marginalizados por todos, tendo conseguido introduzir temas que eram, até então, tabus no âmbito do debate político nacional. Mostrámos a nossa força no combate à corrupção, às jogadas partidárias, às cumplicidades do bloco central e da extrema esquerda e ao silêncio cúmplice de todos os agentes sociais e políticos no âmbito de temas tão fraturantes como as minorias, a imigração, a justiça e a segurança. E, claro, dentro deste espectro, tornámo-nos a terceira força política nacional em 2022, com uma presença




incontornável na Região Autónoma dos Açores e, mais recentemente, nas eleições legislativas regionais da Madeira.

Nunca desistimos de lutar, nunca baixámos os braços: mesmo durante a pandemia, em circunstâncias muito difíceis, defendemos os direitos dos cidadãos e das empresas, questionámos os abusos políticos, a corrupção associada e o gritante sentimento de impunidade que existe na sociedade portuguesa.

No novo ciclo, já enquanto terceira força política nacional, alterámos profundamente a forma como o Parlamento e o sistema político estavam habituados a funcionar: não cedemos um milímetro a negociações ou cumplicidades de bastidores há muito instaladas, levantámos a voz quando tivemos que o fazer e não tivemos medo de gritar contra ditadores, bandidos ou corruptos, mesmo quando vestiam a pele de Chefes de Estado estrangeiros.

Mesmo debaixo de boicote permanente de vários órgãos de comunicação e de várias estruturas económicas, mesmo com o espírito de censura que persiste em algumas instituições, fizemos tudo para chegar aos milhões de portugueses que já não se reveem nesta plutocracia partidária. Mobilizámos as nossas redes, reinventámos a nossa comunicação (o jornal Folha Nacional é disso exemplo), fomos criativos e incansáveis em todos os distritos do país, sem medo de falar com as pessoas nos cafés, nas praças ou mesmo porta a porta.

Na verdade, os nossos gabinetes foram sempre as ruas de Portugal. Os deputados do Chega e os seus dirigentes marcaram presença permanente nos seus distritos e junto das comunidades locais, fizemos tudo para continuar uma estratégia de eventos de proximidade que definimos desde a primeira hora, em 2019.




Hoje, com orgulho, podemos afirmar que a mudança de paradigma do sistema político português se deve ao Chega e à sua força disruptiva.

Enquanto Presidente do Partido desde o seu momento inicial, entendo que ainda não conclui o trabalho e a missão a que me propus desde a primeira hora: fazer do Chega o maior partido português e devolver a voz e a dignidade aos portugueses que, desde há décadas, têm sido esquecidos e ignorados pelos sucessivos governos da República.

Candidato-me porque entendo que estamos a aproximar-nos de um ciclo eleitoral persistente e intenso, onde o Chega tem excelentes condições para obter os resultados a que se propôs. Ao candidatar-me a Presidente do Chega estou a candidatar-me a primeiro-ministro de Portugal, porque o Chega se apresenta às eleições legislativas de Março de 2024 com o objetivo inequívoco de as vencer.

Será justo reconhecer hoje que o Chega é a força mais dinâmica e mais empenhada de todo o panorama político português, o único que se sente com força e vontade de verdadeiramente trazer uma mudança para Portugal. Do sistema político ao sistema fiscal, da legislação laboral ao acesso à saúde, passando pelo aparelho de justiça e a dimensão do Estado, o Chega apresentou sem medo ideias inovadoras, por vezes disruptivas, num país habituado ao amolecimento da população e da sua classe política, com pouco espírito de mudança e com muitas forças de bloqueio nos grandes pilares da vida nacional.

Queremos manter os socialistas afastados do poder nos Açores, virar a página da esquerda e do *costismo e pedronunismo* nas eleições nacionais, vencendo as legislativas, e implementar de vez o partido em todas as autarquias, potenciando a transformação real do país que apenas será possível numa lógica de política de proximidade. Candidato-me com objetivos ambiciosos porque sei que os militantes do Chega e os seus



dirigentes, os seus deputados e os seus autarcas, estão prontos a abraçar com entusiasmo este desafio.

Também as eleições europeias serão para mim uma preocupação prioritária. O partido tem reforçado sistematicamente, desde 2019, o seu prestígio e participação nos grandes fóruns políticos europeus, ao lado dos seus aliados desde a primeira hora. A realização, em 2023, do Congresso do ID em Lisboa é a expressão maior desse reconhecimento por parte dos nossos partidos parceiros, muitos deles já em clara liderança política nas suas nações. Garantir a eleição mínima de 4 deputados europeus é a meta definida para o ato eleitoral que se disputará em Junho de 2024, onde vamos também com objetivos de vitória eleitoral, promovendo a discussão e debate de temas tão importantes como a coesão europeia, as migrações e a liberdade de expressão na União Europeia.

A juventude merece uma palavra nesta apresentação de candidatura. O Chega é o partido mais jovem e ambicioso da democracia portuguesa, nas ideias e no projeto que tem para Portugal. O país precisa de rejuvenescimento. Para isso, como sempre, temos de contar com a nossa juventude, onde já somos líderes, temos de mobilizá-los e contar com eles para esta mudança: trazer mais jovens para os quadros do partido, para a Assembleia da República, para as autarquias e, em geral, para a política, eis a tarefa que me proponho para este novo mandato à frente do Chega.

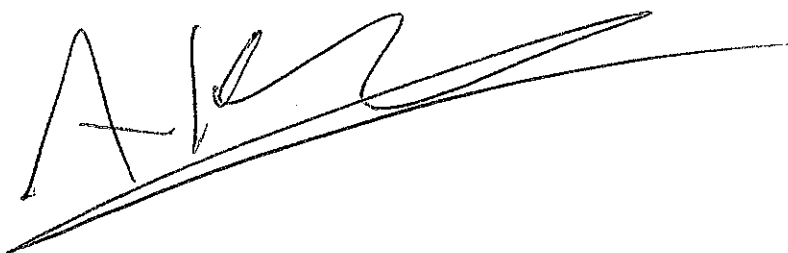
Apresentaremos, por isso, um programa eleitoral ambicioso, com contributos diversos da sociedade civil e de personalidades de reconhecido prestígio, sem medo de fazer ruturas mas com elevado sentido de responsabilidade: da justiça à saúde, passando pela reforma do modelo económico e fiscal português, apresentaremos na VI Convenção Nacional um programa político e eleitoral completo e minucioso, pronto a ser discutido e escrutinado pelos cidadãos e pelas instituições.

Estrategicamente, o partido deve continuar a descentralizar e aproximar-se das bases e dos centros de decisão locais, não apenas como resultado do processo de aprofundamento autárquico, mas também como forma de modernização e agilização interna. É importante que as estruturas locais tenham cada vez mais meios ao seu dispor para responder aos desafios imediatos colocados pelos eleitores, sem prescindir do necessário controlo democrático e da transparência a que toda a gestão do Chega deve obedecer.

E, naturalmente, essa descentralização deve acompanhar um processo de amadurecimento das estruturas regionais, distritais e locais, cada vez mais dotadas de quadros humanos competentes e motivados, seja em órgãos executivos, seja em formas consultivas de participação. Aproximar o partido dos militantes e da sociedade civil é, num partido em expansão e acelerado crescimento, tarefa obrigatória.

Assegurar a evolução do partido sem nunca esquecer as nossas grandes bandeiras, aprofundar a cooperação no âmbito da nossa família europeia sem esquecer a especificidade das ligações e da história portuguesa, manter o espírito aberto às mudanças e à evolução social sem esquecer os grandes valores de que um partido conservador nunca deve abdicar. Sermos radicais no desejo de mudança e na vontade de lutar contra a corrupção instalada no sistema político e económico português, percebendo ao mesmo tempo que temos de ser e contribuir para uma alternativa de governo que garanta que a esquerda não volta a construir maiorias parlamentares artificiais que prosseguem no empobrecimento do país.

São estes os objetivos a que me proponho, com renovada energia e ambição, contando com todos os militantes e dirigentes, deputados nacionais e regionais, autarcas e simpatizantes, para que o ano de 2024 fique para sempre na História de Portugal como o ano da mudança, o ano do Chega.

A handwritten signature in black ink, appearing to be 'A. Ventura', written over a long horizontal line that extends across the page.

André Claro Amaral Ventura, militante nº1 (distrito de Lisboa)

Lisboa, 6 de Janeiro de 2024